


## Impacto de um programa de jogo de orientação na construção do autoconceito de crianças cegas

### Impact of an orientation game program on self-concept construction in blind children

 <https://doi.org/10.56238/cienciasaudeestuepsv1-090>

#### Gerson Carneiro de Farias

Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor de Educação Física, Intervenção Precoce e Orientação e Mobilidade do Centro Brasileiro de Reabilitação e Apoio ao Deficiente Visual de Goiânia (CEBRAV/CAP), cursando a disciplina Seminário de Análise de Projeto de Pesquisa do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Saúde: mestrado e doutorado da Faculdade de Medicina da UFG/GO. Endereço: Rua 215, Número 435, Quadra 48, Lote 7, Setor Leste Vila Nova, Goiânia, Goiás, Brasil. Telefone: (62) 3261-7457. E-mail gersoncarneiroprof@gmail.com

#### RESUMO

O objetivo desse estudo é fazer um levantamento de publicações acadêmicas nas principais bases de dados sobre o tema Autoconceito em crianças. A escolha desse tema se mostra pertinente tendo em vista que é cada vez maior o interesse de crianças cegas pelo Jogo de Orientação: “*Caça ao Tesouro*” (JO: CT) como metodologia para aprender Orientação e Mobilidade (OM) em Goiânia, devido causar bem-estar mental e favorecer a construção do Autoconceito. Nesse sentido, foi realizada uma Revisão Integrada em que se fez a busca dos artigos nas bases de dados da *Biblioteca Digital da UNICAMP (SBU)*, *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, *Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)* e *Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD)*. Para seleção dos artigos, utilizou-se os seguintes critérios de inclusão: produções acadêmicas de Artigos Científicos; artigos publicados nos últimos dez anos; prevalência da criança como sujeito do estudo; artigos publicados nos idiomas inglês, português ou espanhol; artigos não repetidos nas bases de dados pesquisados; artigos completos e gratuitos; artigos localizados a partir das palavras-chave: autoconceito, cegueira e corrida de orientação; tendo o Modelo Teórico de L'écuyer como um dos instrumentos de coleta de dados. Os resultados

apontaram inicialmente cinquenta e quatro artigos, mas ao serem analisados de acordo com os critérios de inclusão, diminuíram para três. Nos três estudos analisados as crianças apareceram com Autoconceito positivo, em função de uma maior autonomia de suas ações; e, negativo devido ao preconceito gerador de conflito nas categorias do Autoconceito: ambivalência e dependência.

**Palavras-chave:** Cegueira, Autoconceito, Corrida de Orientação.

#### ABSTRACT

The objective of this study is to make a survey of academic publications in the main databases about the theme Self-concept in children. The choice of this theme is pertinent considering that blind children are increasingly interested in the Orientation Game: "Treasure Hunt" (JO: CT) as a methodology to learn Orientation and Mobility (OM) in Goiânia, because it causes mental well-being and favors the construction of Self-Concept. In this sense, an Integrated Review was carried out in which the search for articles was made in the databases of the Digital Library of UNICAMP (SBU), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal of the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) and Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD). To select the articles, the following inclusion criteria were used: academic productions of Scientific Articles; articles published in the last ten years; prevalence of the child as the subject of the study; articles published in English, Portuguese or Spanish; articles not repeated in the databases searched; complete and free articles; articles located from the keywords: self-concept, blindness and orientation race; having L'écuyer's Theoretical Model as one of the data collection instruments. The results initially showed fifty-four articles, but when they were analyzed according to the inclusion criteria, they were reduced to three. In the three studies analyzed the

children appeared with a positive Self-concept, due to a greater autonomy of their actions; and, negative due to the prejudice that generates conflict in the categories of Self-concept: ambivalence and dependence.

**Keywords:** Blindness, Self-concept, Orientation Race.

## 1 INTRODUÇÃO

Por Autoconceito entende-se a maneira como as crianças cegas concebem a si mesmas em relação às outras pessoas (COLE e COLE, 2003). A partir da relação do indivíduo consigo mesmo, da experiência com seu próprio corpo, bem como da relação com seu meio social (PAULINELLI e TAMAYO, 1986). L'écuyer (1976) define o Autoconceito como um sistema multidimensional hierárquico composto de estruturas fundamentais que se desdobram em subestruturas e em categorias que irão caracterizar suas múltiplas facetas, configuradas pela experiência diretamente vivida, percebida, simbolizada e contextualizada pelo indivíduo.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define Cegueira legal como sendo a presença de acuidade visual pior ou igual a 20/400 (não enxergam a 20 pés de distância aquilo que uma pessoa normal enxerga a 200 pés), no melhor olho com a melhor correção óptica possível ou, ainda, a presença de campo visual inferior a 20<sup>o</sup> centrais (TALEB, 2009). Do ponto de vista educacional, são considerados cegos os alunos que utilizam o Sistema Braille, que é o sistema de pontos em relevo utilizado para a formação de caracteres para leitura e escrita (Brasil, 1995). Eles o utilizam como principal veículo de comunicação escrita no processo ensino-aprendizagem, e não utilizam a visão para a aquisição de conhecimentos.

O Jogo de Orientação (JO) é definido pelo Exército Brasileiro no MANUAL DE CAMPANHA C21-26 (Brasil, 1984) como um esporte que usa a própria natureza como campo de jogo. O praticante deve realizar um percurso através do campo, em terreno desconhecido e variado, marcado por uma série de círculos (postos de controle) em um mapa detalhado do terreno (carta de orientação), isto é, é uma carta topográfica detalhada, contendo o esclarecimento necessário para a orientação. O indivíduo escolhe o caminho a ser seguido, gerando desse modo, um componente mental e lúdico, que permite a ampliação e categorização da proposta de L'écuyer (1978) sobre o Autoconceito.

O JO é a atividade lúdica que facilita a habilidade de a criança encontrar um caminho rápido e seguro de um lugar a outro, sempre em um sítio desconhecido para o praticante (BRASIL, 1984). Desse modo, intimamente ligado ao seu processo de locomoção do indivíduo cego: da forma de como o indivíduo se comporta. Nesse sentido, qual seria o impacto de um programa de JO na construção do Autoconceito de crianças cegas?

Desse modo, o objetivo do estudo é realizar um levantamento de publicações acadêmicas nas principais bases de dados sobre o tema Autoconceito de crianças.

É uma revisão integrada em que se fez a busca dos artigos nas bases de dados da Biblioteca Digital da UNICAMP (SBU), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD).

Especificamente se quer: fazer um levantamento da quantidade de artigos relacionados ao tema disponíveis nas principais bases de dados; selecionar os artigos encontrados de acordo com critérios de inclusão previamente estabelecidos e analisar os artigos que estão em conformidade com os critérios estabelecidos.

Para além do objetivo, o texto propõe-se a apresentar as conclusões da revisão com base nos artigos analisados. Vale assinalar que este projeto foi apresentado na disciplina de Seminário de Análise de Projeto de Pesquisa do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, ministrada pelos professores doutores Anaclara Tipple e Maria Sebastiana Silva. A ideia é apresentar o projeto em forma de artigo, destacando a conclusão da revisão integrada, à luz da: 1) questão norteadora; 2) amostra da literatura; 3) coleta dos dados; e, 4) análise crítica dos estudos incluídos.

O que se quer é estabelecer os critérios para inclusão e exclusão de estudos, amostragem e busca na literatura. A busca dos artigos foi realizada nas bases de dados SciELO, SBU, CAPES e NDLTD. Para seleção dos artigos, utilizou-se os seguintes critérios de inclusão: produções acadêmicas de Artigo Científico; artigos publicados nos últimos 10 anos; prevalência da criança como sujeito do estudo; artigos publicados nos idiomas inglês, português ou espanhol; artigos não repetidos nas bases de dados pesquisadas; artigos completos e gratuitos; artigos localizados a partir das palavras-chave: autoconceito, cegueira e corrida de orientação; o Modelo Teórico de L'écuyer (1978) como um dos instrumentos de coleta de dados. Critérios de exclusão: foram considerados excluídos os estudos publicados ao período anterior à 2004, ou sem conclusão, ou não resultantes de estudo empírico (artigos teóricos, revisão de literatura), publicados em idiomas diferentes do português, espanhol ou inglês, não realizados com crianças. Na coleta de dados foi definida as informações extraídas dos três estudos selecionados-categorizados. Avaliação dos estudos incluídos na revisão integrada, isto é, na análise detalhada dos dados; Interpretação dos resultados, ou seja, sua discussão de acordo com SOUZA, SILVA e CARVALHO, 2010.

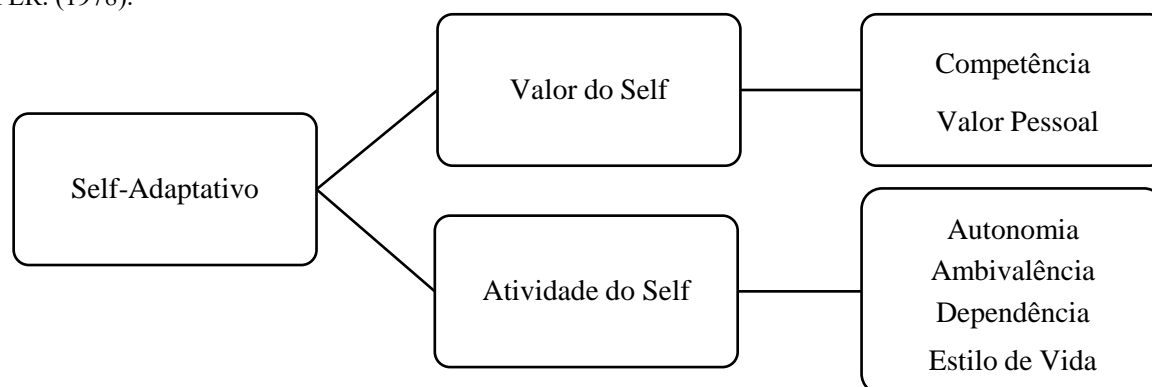
## **2 REVISÃO DA LITERATURA**

### **O Autoconceito e sua Integração**

Para L'écuyer (1978) o Autoconceito é um sistema multifuncional hierárquico que se desdobra em Estruturas, Subestruturas e Categorias. A Estrutura a ser analisada neste estudo é a do Self-Adaptativo, devido sua correlação com o JO e o processo de OM das crianças cegas, com suas duas Subestruturas: Valor do Self e Atividade do Self. O Valor do Self envolve duas Categorias: Competência e Valor Pessoal. E a

Atividade do Self está envolta a quatro Categorias: Autonomia, Ambivalência, Dependência e Estilo de Vida. A figura 1 permite uma visualização da estrutura, subestruturas e categorias deste modelo.

Figura 1. Representação da estrutura, subestruturas e categorias do Autoconceito que compõem o Modelo Teórico Integrado de L'ÉCUYER. (1978).



A Estrutura Self Adaptativo corresponde às reações que o indivíduo tem em face das percepções de si mesmo. Essas reações podem ser positivas ou negativas. Esta Estrutura se divide em duas Subestruturas: Valor do Self e Atividade do Self.

A Substrutura Valor do Self compreende todos os enunciados que envolvem um julgamento positivo ou negativo, a partir de um sistema de valores pessoais ou impostos e subdivide-se em duas Categorias: Competência e Valor Pessoal.

A Competência significa todo enunciado que sugere ao indivíduo a impressão de eficácia real, além de simples enumeração de capacidades e atitudes.

O Valor Pessoal agrupa os enunciados que comportam um julgamento de valor positivo ou negativo em função de quaisquer padrões.

A Substrutura Atividade do Self contém os enunciados que indicam os diversos modos de ação ou reação referentes às percepções de si mesmo e da realidade com o objetivo de manter, promover e defender o self e compõe-se das seguintes Categorias: Autonomia, Ambivalência, Dependência e Estilo de vida.

Autonomia indica para o indivíduo o que fazer frente a alguma situação, assumindo as responsabilidades inerentes.

Ambivalência compreende hesitações e contradições do indivíduo frente à ação ou posse.

Dependência agrupa enunciados de pessoas que não sabem o que fazer em face da ação, pessoas impotentes que contam com os outros para tudo.

Estilo de Vida se refere às diferentes maneiras do indivíduo descrever seu modo de vida (L'ÉCUYER, 1978).

Segundo Novaes (1985), tal construto<sup>1</sup> é dinâmico e varia constantemente no processo evolutivo, não sendo cumulativa nem gradativa sua sedimentação, emergindo do sentimento de unidade, coerência e estabilidade que permite ao indivíduo reconhecer-se em qualquer momento. Para Novaes (1985), o Autoconceito na pessoa cega sugere uma reflexão mais aprofundada que permita minimizar situações desfavoráveis, mediante uma ação pedagógica e prática educativa mais eficiente e preocupada com o indivíduo, assim, abrindo espaço para realização desse trabalho de JO no sentido de favorecer a construção do Autoconceito e da aprendizagem da OM da criança cega.

O cego ao reconhecer-se como pessoa competente e autônoma, identifica que seu processo de OM apreendido pelo JO permite sua inclusão social em sua comunidade: integração.

Desse modo, intimamente integrada a sua saúde, educação e outras áreas de sua vida por envolver valores, aspirações, prazeres e preocupações, vivenciados e por vivenciar. Por exemplo, seu processo de OM está relacionado à sua *comunicação* ao se relacionar com supostos guias humanos para tomar decisão e resolver problemas; as *habilidades sociais* e de cooperação com o estigma; a *utilização dos recursos comunitários* e da própria bengala fará com que os outros a vejam como uma pessoa mais competente e menos dependente, passando, assim, a tratá-la com mais respeito; a sua *autonomia* e seu sentimento de *independência social*; a sua *saúde e segurança*; suas *aptidões escolares, lazer e trabalho*; contemplados pelo Modelo Teórico Integrado de L' ECUYER (1978), incrementado por NOVAES (1985), WELSH & BLASCH (1980) e GOFFMAN (1988).

Nesse sentido, o Modelo Teórico Integrado proposto por L'écuyer (1978) capta a ligação entre essas seis categorias do Autoconceito. No universo nada está isolado, tudo está em movimento e mudança, tudo depende de tudo. O movimento é uma qualidade inerente a todas as coisas, assinala GADOTTI (2006).

A vida é movimento e o ser humano não vive sem ele. Para BERNSTEIN (1967), o organismo está buscando o tempo todo o controle motor e a coordenação de movimentos. Para ele o indivíduo, o ambiente e a tarefa se influenciam mutuamente interagindo e transacionam da mesma forma se modificando. De acordo com a Abordagem de Sistemas Dinâmicos de Desenvolvimento Motor proposta por Bernstein (1967) a tarefa é o motor propulsor do desenvolvimento.

Assim, o foco deste estudo é que a tarefa de JO influencia interagindo e transaciona modificando o organismo e o ambiente (BERNSTEIN, 1967). Desse modo, a tese de Bernstein (1967) corrobora, integrando, a tese de Maturana (2002) de que o organismo, a tarefa e o ambiente desencadeiam mudanças estruturais sob as quais permanecem reciprocamente congruentes, de modo que cada um flui no encontro com o outro seguindo as dimensões que conservam sua organização e adaptação, ou seja, uma complexa interação entre as forças do organismo, do ambiente e da tarefa.

---

<sup>1</sup> Construtos são traços, aptidões ou características supostamente existentes e abstraídos de uma variedade de comportamentos que tenham significado educacional ou psicológico. Assim, fluência verbal, rendimento escolar, aptidão mecânica, inteligência, motivação, agressividade, entre outros, são construtos (VIANNA, 2003).

A abordagem conceitual é da Teoria Ecológica<sup>2</sup> (Ramos dos Sistemas Dinâmicos), cujos representantes teóricos são: BERNSTEIN (1967); GIBSON (1979); e KUGLER, KELSO & TURVEY (1982). Segundo estes autores, nós somos seres dinâmicos em movimento, em constante reação a muitos fatores ambientais e à necessidade da tarefa do movimento em si, sem, contudo, determinar que o sucesso da motricidade determina o sucesso na cognição. Neste modelo de desenvolvimento o movimento, que é a tarefa de JO, é enfatizado como um agente básico na aquisição de estruturas cognitivas crescentes, isto é, no Autoconceito, assim como o ambiente e o organismo também o são: se produzem por si mesmo.

Para Maturana e Varela (2001) “todo sistema autopoiético é uma unidade de múltiplas interdependências, quando uma de suas dimensões é afetada o organismo inteiro experimenta mudanças correlativas, em muitas dimensões ao mesmo tempo” (MATURANA e VARELA, 2001, p. 131). A Teoria de Desenvolvimento Motor na Perspectiva de Sistemas Dinâmicos comunga, integrando, este pensamento. No meu entender: uma abordagem dialética, integrada e complexa, de forças internas e externas, que interage no organismo, quando este executa a tarefa prática de movimento, que no caso do estudo, é o JO e a OM para favorecer o Autoconceito.

Segundo Gadotti (2006), a dialética é o modo de pensarmos as *contradições* da realidade, o modo de compreendermos a realidade como um processo histórico de conflitos, totalidades, mediações e mudanças em permanente transformação. De uma teoria mediada pela prática do JO, que considera todas as coisas em movimento, relacionadas uma com as outras. O homem se produz por si mesmo e está em constante movimento de transformação no seu Autoconceito.

O JO já foi tratado por Farias (2000), autor deste estudo, na forma lúdica de “*Caça ao Tesouro*” (JO: CT), para verificar o efeito do programa sobre o desempenho dos alunos cegos medido pelo número de vezes que eles consultavam à carta especial de orientação e o tempo gasto da consulta; ainda, pelo número de postos controle atingido e o tempo gasto para alcançar o último posto, quando os alunos foram testados na resolução de uma situação problema. Assim, o que se deseja é avançar no estudo, relacionando-o a Metodologia de Ensino do JO: CT e a construção do Autoconceito nos sujeitos do estudo.

Em outras palavras, Farias (2000) foi quem adaptou a corrida de orientação para a forma lúdica de jogo vivenciado com os alunos cegos no sentido de favorecer o processo de OM, abrindo a perspectiva de um trabalho para a construção do Autoconceito com o aluno cego.

As vantagens potenciais do trabalho de OM para alunos cegos são claras. Contudo, nenhum estudo desenvolvido em forma de jogo foi realizado para avaliar a construção do Autoconceito de crianças cegas, envolvendo a tarefa (JO: CT) e o ambiente (natureza) para favorecer o Autoconceito do organismo (criança)

---

<sup>2</sup> A teoria ecológica ou teoria contextual, como é às vezes chamada, visa obtenção de benefício prático, sendo tanto descritiva quanto explicativa ou explorativa. Basicamente, a ‘teoria ecológica’ considera o desenvolvimento ocorrendo como função do ‘contexto’ ambiental e da estrutura temporal histórica. O estudo da ecologia humana a partir de uma perspectiva desenvolvimentista é assunto de estudo do relacionamento dos indivíduos com o seu meio ambiente e vice-versa (GALAHUE e OZMUN, 2003). Portanto, se refere à ecologia: variedade de situações em que as pessoas são atores, os papéis que desempenham, as situações que encontram e as consequências desses encontros (BRONFENBRENNER & MORRIS, 1998).

na aprendizagem da locomoção, bem como para avaliar a formação continuada e em serviço de um professor de OM.

Portanto, o JO: CT pode ser entendido como um processo entre o aluno e a natureza, em que ele, por sua própria ação, media, regula e controla sua maneira de conhecer, conviver, fazer e ser com a natureza (DELORS, 2003). A isso Morais e Valente (1991) chamou de metacognição, definindo-a como a capacidade de o aluno aprender a controlar a sua própria aprendizagem, a tornar-se mais informado, mais independente e prosseguir com uma finalidade na aprendizagem.

O aluno põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade: braços, pernas, cabeça e mãos, a fim de poder elevar a construção de seu Autoconceito em níveis de satisfação de forma mais elaborada. Ao atuar, por meio do movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza, Autoconceito e o conjunto dessas relações.

O programa de JO: CT, aplicado de forma lúdica, se caracteriza como uma fonte de desenvolvimento para o Autoconceito da criança.

Nesse sentido, Vygotsky (2004) ressalta que: 1) a aprendizagem antecede ao desenvolvimento; 2) o nível de desenvolvimento potencial se transforma em real na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), com ajuda do professor e das crianças mais experientes, favorecendo a ação dos menos experientes; 3) o desenvolvimento se dá num primeiro momento entre as pessoas para num segundo momento acontecer individualmente.

Corroborando e integrando este pensamento Vygotsky esclarece que:

“No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento” (VYGOTSKY, 2004, p. 117).

É também com este pensamento de Vygotsky (2004), que a tese desse estudo se constitui e se integra, ou seja, a construção do Autoconceito favorecida pela prática do JO: CT, como fonte de desenvolvimento, permitirá que a estrutura *self-adaptativo*, com suas duas subestruturas e seis categorias do Autoconceito da criança cega seja favorecida, levando-a a aprender a conhecer, fazer, conviver e ser (DELORS, 2003): pilares da educação.

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

A revisão integrada sumariza os estudos realizados para obter-se novas conclusões e melhor compreensão dos estudos. Nesta revisão delimita-se o tema e questão do estudo; define-se os critérios de inclusão das produções acadêmicas de artigos científicos; realiza-se a busca dos estudos; analisa-se os resumos e seleciona-se os estudos; avalia-se de forma criteriosa e ficha-se os estudos selecionados; e, analisa-se os dados.

As publicações foram pesquisadas nas principais bases de dados: *Biblioteca Digital da UNICAMP (SBU)*, *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, *Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)* e *Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD)*.

Na primeira fase da etapa de busca dos estudos, todos os artigos foram catalogados independente dos títulos dos mesmos e de serem repetidos nas bases de dados.

Na segunda fase ainda da etapa de busca de estudos foram selecionados aqueles cujos títulos eram relacionados com o Autoconceito, independentes de terem as palavras-chave escritas de forma literal e explícitas. Também não foi levado em consideração se eram ou não repetidos nas bases de dados.

Na etapa de análise dos resumos foram escolhidos aqueles que atendiam aos critérios de inclusão, porém ainda não foi levado em consideração se eram repetidos ou não nas bases de dados.

Foi feito fichamento dos textos completos e avaliação criteriosa daqueles que atenderam a maioria dos critérios de inclusão e que não se repetiam nas bases de dados. O fichamento dos artigos foi feito com o preenchimento de quadros com as informações: autor, título do artigo, nome do periódico, ano da publicação, objetivos, método, resultados, conclusão e observações.

#### 4 RESULTADOS

Os artigos encontrados de acordo com as etapas da Revisão Integrada estão descritos no Quadro I.

Quadro I: Quantidade de artigos localizados nas bases de dados.

Fases	SciELO	SBU	CAPES	NDLTD	Total
1ª Busca de todos os estudos	03	14	27	10	54
2ª Busca de títulos de estudos	03	03	02	02	10
3ª Análise dos resultados	03	02	02	00	07
4ª Textos completos	03	00	00	00	03

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Na primeira fase da etapa de busca, foram encontrados 54 estudos somando os resultados das quatro bases de dados utilizadas. Ao se analisar os títulos, a quantidade de estudos diminuiu consideravelmente, passando para apenas 10 estudos. É importante ressaltar que não houve a exigência de que todos as palavras-chave estivessem escritas de forma literal e explícita nos títulos; foi analisado se o sentido do título era relacionado com as palavra-chave Autoconceito de crianças. Assim, não foi encontrado nenhum estudo que se referisse ao Autoconceito de crianças cegas e corrida de orientação. E sim Autoconceito de crianças somente.

Na fase de análise dos resumos, os critérios de inclusão foram utilizados, passando assim a quantidade de estudos para 07, pois 01 dos estudos da base de dados SBU e os 02 estudos da base de dados NDLTD não atenderam os critérios de inclusão na sua maioria. Nessa fase, ainda não se levou em consideração o fato de alguns artigos estarem repetidos nas bases de dados.

Para se fazer o fichamento e avaliação dos textos completos dos artigos, levou-se em consideração a repetição nas bases de dados e a quantidade caiu para apenas 03 estudos, sendo que os 02 estudos da base



de dados SBU eram repetidos na base de dados SciELO e os 02 estudos da base de dados CAPES também eram repetidos na base de dados SciELO.

Em relação aos 03 artigos analisados, as características serão apresentadas nos Quadro II e III.

Quadro II: Características gerais dos artigos.

	<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Periódico</b>	<b>Ano</b>
1	LOOS, H. & CASSEMIRO, L. F. K.	A qualidade das relações familiares afeta o autoconceito e a autoestima de crianças	Estudos de Psicologia (Campinas) [online].	2010
2	PEIXOTO, S.; ALMEIDA, L. S.	A organização do autoconceito: análise da estrutura hierárquica em adolescentes	Psicologia Reflexiva Crítica.	2011
3	FARIA, L.	Desenvolvimento do autoconceito físico nas crianças e nos adolescentes	Análise Psicológica.	2005

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Quadro III – Características metodológicas dos artigos

<b>Estudo 1: A qualidade das relações familiares afeta o autoconceito e a autoestima de crianças</b>	
Objetivos	Averiguar como se relacionam as percepções que as crianças têm das interações familiares que vivenciam e as crenças que desenvolvem a respeito de si mesmas.
Método	<b>Classificação da pesquisa:</b> Descritiva. <b>Amostra:</b> 46 crianças de 9 a 12 anos, oriundas de uma escola pública da cidade de Curitiba (PR). <b>Instrumentos:</b> aplicação de escalas (questionários e inventários padronizados).
Resultado	Os resultados mostram a primazia da afetividade – nas relações com o outro e consigo mesmo –, pois esta parece ser a base para tudo o mais que se faz nesta vida.
Conclusão	A qualidade das relações familiares afeta o autoconceito e a autoestima das crianças, em sentido contrário causa dependência e ambivalência.
<b>Estudo 2: A organização do autoconceito: análise da estrutura hierárquica em adolescentes</b>	
Objetivos	Análise da estrutura hierárquica do autoconceito em adolescentes e, adicionalmente, a comparação dessa estrutura em alunos com e sem repetência no seu passado escolar.
Método	<b>Classificação da pesquisa:</b> Descritiva. <b>Amostra:</b> participaram no estudo 943 alunos portugueses do 7º, 9º e 11º ano de escolaridade. <b>Instrumentos:</b> A Escala de Autoconceito (PEIXOTO & ALMEIDA, 1999).
Resultado	Os resultados obtidos sustentam a ideia de uma organização hierárquica do Autoconceito em um modelo que o subdivide em quatro fatores de ordem superior. Os resultados sugerem, ainda, uma associação entre a dimensão comportamento e diferentes dimensões de ordem superior, nomeadamente as duas dimensões do Autoconceito acadêmico e o Autoconceito social. Assim, os resultados divergem de forma ambivalente, quando tomamos alunos com maior autonomia e menor sucesso escolar: dependência, justificando maior atenção na investigação e na intervenção a este aspecto.
Conclusão	Por último, os resultados obtidos suportam a opção por instrumentos multidimensionais e que considerem diferentes facetas do <i>self</i> organizadas de forma hierárquica, pelo menos quando se trata de alunos na adolescência.
<b>Estudo 3: Desenvolvimento do autoconceito físico nas crianças e nos adolescentes</b>	
Objetivos	Contribuir para uma maior clarificação do domínio de investigação e de intervenção no Autoconceito físico.
Método	<b>Classificação da pesquisa:</b> Descritiva. <b>Amostra:</b> 60 jovens, praticantes iniciantes (até ano e meio) de ginástica em academia. <b>Instrumentos:</b> questionários e avaliações pelos <i>Self-Description Questionnaires</i> (SDQ) de MARSH (1998); e, o modelo de FOX (1990) sobre a hierarquia do Autoconceito físico, isto é, <i>Physical Self-Perception Profile</i> (PSPP).

Resultado	Quanto maior for o envolvimento dos sujeitos nos processos de aprendizagem que ocorrem em qualquer contexto, maior será a probabilidade de retirarem reforço positivo da sua realização, maior será a sua capacidade de autoanálise e de análise do processo de aprendizagem e maior será o seu sentimento de competência pessoal, autonomia e independência.
Conclusão	O comportamento de crianças e adolescentes, que é o quadro do seu agir e realizar, com a prática de atividade física, contribui para sua autonomia e independência, promovendo o Autoconceito físico. Em sentido contrário causa dependência e ambivalência.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

## 5 DISCUSSÃO

No Quadro I constata-se claramente a grande necessidade de realizar mais estudos voltados para o Autoconceito de crianças, pois apenas 03 artigos foram aproveitados dos 54 estudos levantados inicialmente. Tal situação também chama a atenção em relação à forma como os artigos estão sendo organizados nas bases de dados, pois demonstra que não estão diretamente ligadas as palavras-chave utilizadas.

Nenhum dos artigos selecionados trata exclusivamente da criança adolescente cega. Simplesmente trata de crianças, e nenhum deles focou especificamente questões voltadas para a criança adolescente cega em seu processo de OM pelo JO: CT.

Pode-se observar no Quadro II que nos três artigos a palavra-chave Autoconceito aparece explícita; o que não ocorre com as palavras-chave cegueira e corrida de orientação. Tal constatação demonstra o quanto se faz necessário realizar mais estudos envolvendo temáticas relacionadas ao JO: CT com as crianças e adolescentes cegas, e principalmente a necessidade dessas palavras-chave aparecerem de forma literal e explícita nos títulos dos estudos.

Ainda no Quadro II é possível observar o interesse dos periódicos da área de Psicologia em Educação na temática proposta, sendo que todos os 03 trabalhos foram publicados por revistas de Psicologia, ressaltando que 02 estudos acontecem no ambiente escolar e 01 em academia de ginástica.

No Quadro III, encontram-se características metodológicas dos artigos estudados e percebe-se que um deles, o estudo 01, avalia não só o Autoconceito das crianças, mas também a qualidade da relação familiar; o estudo 02 mostra a organização da estrutura do Autoconceito; e o estudo 03 o desenvolvimento deste Autoconceito. Em termos de classificação das pesquisas, todas são descritivas. Em relação à amostra, nos três estudos a predominância é de crianças do sexo masculino, o que confirma outros estudos (Novaes, 1985; Paulinelli e Tamayo, 1986) que também apontam os meninos como os principais participantes de atividades que envolve o desafio de viver uma experiência com seu próprio corpo, para aprenderem OM, por exemplo. Quanto ao uso de instrumentos que avaliam Autoconceito, todos utilizaram escalas, questionários e inventários padronizados: (PEIXOTO & ALMEIDA, 1999; (SDQ) de MARSH 1998; (PSPP) de FOX 1990). Contudo nenhum estudo utilizou o Modelo Integrado proposto por L'ÉCUYER. Tal ocorrência pode ser em função desse instrumento ser de origem francesa e os estudiosos não conhecerem o modelo de L'ÉCUYER (1978). Foram dois estudos realizados em Portugal (02 e 03) e um no Brasil (01).

Ainda no Quadro III é possível perceber que nos três trabalhos, os resultados e conclusões demonstram que o Autoconceito sofre alterações positivas, decorrente da categoria autonomia e independência de seus participantes; e, negativas decorrente das categorias ambivalência e dependência.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Essa pesquisa tinha inicialmente o objetivo de fazer um levantamento de publicações acadêmicas nas principais bases de dados sobre o tema Autoconceito em crianças. Tal objetivo foi alcançado uma vez que foi possível realizar tal levantamento e ter acesso aos estudos relacionados ao tema proposto.

Os objetivos específicos também foram alcançados pois pôde-se verificar a quantidade de artigos publicados sobre o tema em cada uma das bases de dados investigadas. Tais artigos foram selecionados de acordo com critérios de inclusão previamente estabelecidos, sendo na sequência analisados.

Esse estudo demonstrou ser de grande valia, pois apontou a necessidade da realização de muitos outros voltados para o Autoconceito de crianças cegas do sexo feminino a fim de que assumam o papel de participantes no JO: CT para que seu processo de OM seja facilitado.

As meninas também precisam assumir seu papel na sociedade e isso demanda aprenderem OM e O JO: CT facilita a aquisição dessa aprendizagem. É necessário que os pais e responsáveis por estas meninas conscientizem-se da importância deste trabalho para elas por influenciar a construção do Autoconceito delas.

## **AGRADECIMENTO**

Este artigo tem o apoio do Centro Brasileiro de Reabilitação e Apoio ao Deficiente Visual de Goiânia (CEBRAV/CAP) e da Universidade Federal de Goiás (UFG), locais em que o professor trabalha com aulas de Educação Física, Intervenção Precoce e Orientação e Mobilidade.

## REFERÊNCIAS

- ARNS, F. Acessibilidade. Decreto nº 5.296/2004 - Lei nº 10.048/2000 - Lei nº 10.098/2000. Brasília: Senado Federal, 2005.
- BARRAGA, N. C. Disminuidos visuales y aprendizaje. Madrid: ONCE, 1985.
- BERNSTEIN, N. The co-ordination and regulation of movements. Oxford, England: Pergamon Press, 1967.
- BRANDÃO, C. R. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRASIL. Diretrizes educacionais sobre estimulação precoce. Brasília: MEC/SESP/UNESCO, 1995.
- \_\_\_\_\_. Escola de Educação Física do Exército. Orientação. EGGCF, 1984.
- BRASIL, MEC/SEESP. Política Nacional de Educação Especial. Brasília. 1994.
- BRONFENBRENNER, U. & MORRIS, R. A. The ecology of developmental. In: LERNER, Richard. M. (Org.). Handbook of child psychology: Theoretical models of human development. New York: Wiley, 1998.
- COLE, M. e COLE, S.R. O desenvolvimento da criança e do adolescente. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- DELORS, J. Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez/Brasília: MEC: UNESC, 2003.
- FARIA, L. Desenvolvimento do autoconceito físico nas crianças e nos adolescentes. Análise Psicológica. Lisboa, v. 23, n. 4, 2005.
- FARIAS, G. C. Efeitos de um programa experimental da aprendizagem do jogo de orientação: “*caça ao tesouro*” desenvolvido mediante uma linha de base múltipla para alunos cegos. Revista Brasileira de Ciência do Esporte. Florianópolis, Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte, 2000, v. 21, n. 23, p. 51-55, jan./maio de 2000.
- FAYE, E. E. Clinical low vision. New York, 1987.
- FRAIBERG, S. Parallel and divergent patterns in blind and sighted infants. Psychoanalytic of the Child. New York: v. 23, n. 1, p. 264-300, 1968.
- GADOTTI, M. Concepção Dialética da Educação. São Paulo: Cortez, 2006.
- GALLAHUE, D. L. e OZMUN, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte, 2005.
- GIBSON, J. J. The ecological approach to visual perception. Boston: Houghton Mifflin, 1979.
- GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.
- KUGLER, P. N.; KELSO, J. A. S. & TURVEY, M. T. On the control and coordination of naturally developing systems. In: KELSO, J. A. S. e CLARK, Jane E. (Eds.). The Development of Motor Control and Coordination. New York: Wiley, p. 5-78, 1982.
- LOOS, H. & CASSEMIRO, L. F. K. Percepções sobre a qualidade da interação familiar e crenças autorreferenciadas em crianças. Estudos de psicologia. Campinas, [online]. 2010, v. 27, n.3, p. 293-303.

MATURANA, H. R. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_ e VARELA, F. J. A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MORAIS, M. M. & VALENTE, M. O. Pensar sobre o pensar: Ensino de estratégias metacognitivas para recuperação de alunos com dificuldades na compreensão da leitura na disciplina de língua portuguesa. Revista de Educação, Lisboa, v. 2, n. 1, p. 35-56, 1991.

NOVAES, M. H. Autoconceito, um sistema multidimensional hierárquico e sua avaliação em adolescentes. Arquivos Brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro, v.37, n. 3, p. 27-43, jul/set, 1985.

PAULINELLI, J. D. C. e TAMAYO, A. Autoconceito: Efeitos da cegueira e do sexo em adolescentes. Arquivos Brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro, v.38, n. 4, p.115-126, 1986.

PEIXOTO, S.; ALMEIDA, L. S. A organização do autoconceito: análise da estrutura hierárquica em adolescentes. Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 533-541, 2011.

POGRUND, R. L. & ROSEN, S. J. The preschool blind child can be a cane user. Journal of Visual Impairment and Blindness. AFB: v. 83, n. 9, p. 431- 439, 1989.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. Einstein, v. 8, p. 102-106, 2010. <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAgS8QAA/revisao-integrativa-que-como-fazer>>. Acesso em: 10 novembro de 2014.

TALEB, A. C. O que é cegueira? Conselho Brasileiro de Oftalmologia. São Paulo, Walprint, 2009, v. 1, n. 1, p. 51-3, ISBN: 978-85-62109-00-3, 2009.

VIANNA, H. M. Pesquisa em educação: a observação. Brasília: Editora Plano, 2003.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WELSH, R. L. & BLASCH, B. B. Foundations of orientation and mobility. New York: American Foundation for the Blind, 1980.